

# PARA ALÉM DA **DEMOCRACIA**

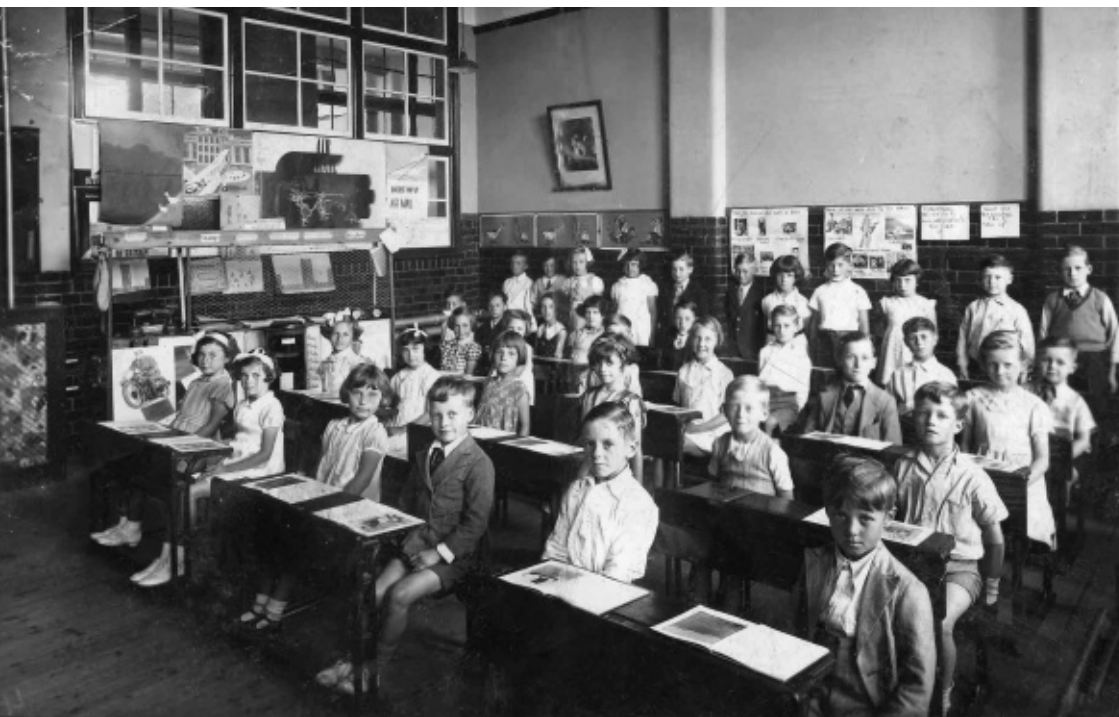


# Além da Democracia!?

Hoje, a democracia domina o mundo. O comunismo está morto há muito tempo, todos os países de terceiro mundo que você vê na televisão fazem eleições, e os líderes mundiais se encontram para planejar a "comunidade global" da qual ouvimos tanto falar. Então por que não estão todos felizes? A propósito, por que tão poucas das pessoas que podem votar nos Estados Unidos, o maior exemplo de democracia, não se dão ao trabalho de ir votar?

Será que a democracia, há muito tempo a palavra preferida por toda revolução e resistência, simplesmente não é democrática o suficiente? O que poderia ser mais democrático?

# Toda criança pode crescer e se tornar presidente.

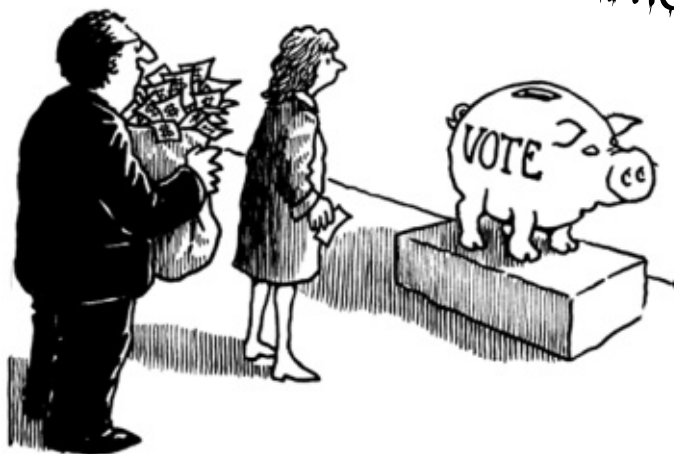


Não, não pode. Ser Presidente significa ocupar uma posição de poder hierárquico, assim como ser um bilionário: para cada pessoa que é Presidente, têm de haver milhões de pessoas que não o são. Não é coincidência que bilionários e Presidentes costumam se dar bem; ambos existem no mundo que está fora do alcance ao resto de nós. Por falar em bilionários, nossa economia não é exatamente democrática — o capitalismo distribui recursos em proporções absurdamente desiguais, e você tem que começar com algum recurso se você quer ser eleito.\*

\* Vamos suspender todos os nossos receios sobre democracia por tempo suficiente para considerarmos se, caso fosse um método eficiente para as pessoas compartilharem o poder sobre suas vidas, ela poderia ser compatível com o capitalismo. Numa democracia, uma população informada deve votar de acordo com seu próprio interesse esclarecido — mas no capitalismo quem controla o fluxo de informação são os ricos executivos? Eles nunca deixam de manipular a cobertura de acordo com seus interesses de classe, e você não pode culpá-los, os jornais e redes de televisão que não cederam aos anunciantes corporativos, que tanto alienam, foram levados à falência há muito tempo atrás por competidores menos escrupulosos.

Da mesma forma, votar significa escolher entre opções, de acordo com as possibilidades que parecem mais desejáveis — mas quem define as opções, quem estabelece o que é considerado possível, quem constrói os próprios desejos são os ricos patriarcas das instituições políticas e seus sobrinhos em empresas de publicidade e de relações públicas? Nos Estados Unidos, o sistema de dois partidos reduziu a política a escolher o menos pior de dois maus idênticos, ambos os quais respondem acima de tudo aos seus patrocinadores. É claro, os partidos discordam sobre exatamente o quanto deve-se reprimir a liberdade ou investir em bombas — mas alguma vez chegamos a votar para decidir quem controla os espaços "públicos" como shopping centers, ou se os trabalhadores merecem o produto bruto dos seus esforços, ou qualquer questão que possa mudar de verdade o modo como vivemos? Do modo como as coisas andam, a função essencial do processo democrático é limitar as aparências do que é possível para as poucas possibilidades discutidas pelos candidatos ao governo. Isto desmoraliza os dissidentes e contribui para a impressão geral de que eles são utópicos impotentes — quando nada é mais utópico do que confiar em representantes da classe dona de propriedades para se dirigir aos males causados pela sua própria dominação, e nada pode ser mais impotente do que aceitar o sistema político deles como o único sistema político possível.

Basicamente, o mais transparente dos processos políticos democráticos irá sempre ser pisoteado por assuntos econômicos como a posse de propriedades. Mesmo que pudéssemos reunir todo mundo, capitalistas e pessoas condenadas à prisão, em uma grande assembleia geral, o que evitaria que a mesma dinâmica que governa os mercados invadissem este lugar sagrado? Enquanto os recursos forem distribuídos de maneira desigual, os ricos sempre poderão comprar os votos dos outros: tanto literalmente, ou prometendo uma fatia da torta, ou então por meio de propaganda e intimidação. A intimidação pode ser indireta — "Esses radicais querem uma parte da propriedade que você suou para conquistar" — ou aberta como as sangrentas lutas de gangues que acompanhavam as disputas eleitorais nos Estados Unidos do século XIX. Logo, mesmo na melhor das hipóteses, a democracia só vai servir àquilo a que se propõe se ela ocorrer entre aqueles que se opõem explicitamente ao capitalismo e dispensam seus prêmios — e nesses círculos, o consenso faz muito mais sentido que o governo da maioria.



democracia + capitalismo  
um real, um voto

Mesmo que fosse verdade e qualquer um *pudesse* crescer e se tornar o Presidente, isso não ajudaria os milhões que não se tornariam, que têm que viver na sombra deste poder. Este desequilíbrio é intrínseco à estrutura da democracia representativa, tanto no nível local como no topo. Os políticos profissionais de uma câmara de vereadores discutem assuntos do município e aprovam regulamentações o dia todo sem consultar os cidadãos da cidade, que têm que estar trabalhando; quando uma dessas leis desagrada os cidadãos, eles têm que usar o pouco tempo de lazer de que dispõem para contestá-la, e estarão de volta ao trabalho na próxima vez que a câmara se reunir. Na teoria, os cidadãos poderiam eleger uma câmara de vereadores diferente entre os políticos e aprendizes disponíveis, mas os interesses dos políticos como classe continuariam essencialmente em conflito com os seus — além disso, fraudes eleitorais, cabresto, e lealdade partidária acéfala geralmente os impedem de ir tão longe. Mesmo no improvável cenário de que um governo completamente novo fosse eleito constituído por intenções legítimas de desfazer a desigualdade de poder entre políticos e cidadãos, eles estariam inevitavelmente a perpetuando pelo simples fato de aceitarem estes papéis no sistema — pois o aparato político é a própria base dessa desigualdade. Para obter sucesso no seu objetivo, eles teriam que dissolver o governo e se juntar ao resto da população para reconstruir a sociedade de baixo para cima.

Mas mesmo que não houvesse Presidentes ou câmaras municipais, a democracia como a conhecemos ainda seria um empecilho à liberdade. Deixando a corrupção, o privilégio e a hierarquia de lado, o governo da maioria não só é inerentemente opressivo mas também paradoxalmente divisor e homogeneizador ao mesmo tempo.

## A Tirania da Maioria

Se você fizesse parte de uma pequena minoria, e a maioria decidisse através do voto que você tinha que abrir mão de algo tão vital para você como a água e o ar? Você obedeceria? Quando se coloca desta forma, alguém realmente acredita que faz sentido aceitar a autoridade de um grupo simplesmente porque eles estão em maior número? Nós aceitamos o governo da maioria porque não acreditamos que isso possa nos ameaçar — e aqueles que são ameaçados já foram silenciados antes que qualquer pessoa possa ouvir os seus receios.

O cidadão mediano que diz ser respeitador das leis não se considera ameaçado pelo governo da maioria porque, conscientemente ou não, ele se percebe como detentor do poder e da autoridade moral da maioria: se não de fato, em virtude de ser ter uma posição socialmente e politicamente "moderada", pelo menos na teoria, porque ele acredita que todos serão convencidos pelos seus argumentos se ele tiver a oportunidade de apresentá-los. A democracia governada pela maioria foi sempre baseada na convicção de que se todos os fatos forem conhecidos, todos poderiam ver que só há um curso de ação correto — se abandonamos esta crença, não resta nada além de uma ditadura do rebanho. Mas mesmo que "os" fatos possam ficar igualmente claros a todos, assumindo que tal coisa seja possível, as pessoas ainda teriam suas perspectivas, motivações e necessidades individuais. Precisamos de estruturas políticas que levem isso em conta, nas quais sejamos livres do governo da multidão e da influência da classe privilegiada.

Viver sob um governo democrático faz as pessoas pensarem em termos de quantidade, a se focar mais na opinião pública do que no que as suas consciências lhes dizem, a se verem como impotentes a menos que façam parte de uma massa. A raiz da democracia do governo da maioria é a *competição*: competição para persuadir todo mundo a aceitar a sua posição, quer ou não ela seja do maior interesse de todos, competição para constituir a maioria para obter o poder antes que os outros o façam — e os perdedores (ou seja, as minorias) que se danem.\* Ao mesmo tempo, o governo da maioria força aqueles que

desejam o poder a apelarem para o mínimo denominador comum, iniciando uma corrida para baixo que recompensa o mais inosso, superficial e demagogo; na democracia, o próprio poder fica associado com a conformidade ao invés de com a individualidade. E quanto mais o poder se concentra nas mãos da maioria, menos o indivíduo consegue fazer sozinho, quer ele faça ou não parte da maioria.

Quando pretende dar a todos uma oportunidade de participar, a democracia governada pela maioria oferece a justificativa perfeita para reprimir aqueles que não obedecem o que ela dita: se eles não gostam do governo, por que então eles mesmos não entram na política? E se eles não vencerem no jogo de construir uma maioria para obter o poder, podemos dizer que eles pelo menos tiveram a sua chance. Esta é a mesma estratégia de culpar as vítimas usada para justificar o capitalismo: se o lavador de pratos não está feliz com seu salário, ele deve trabalhar mais para que possa também ser o dono de sua própria rede de restaurantes. Claro, todos têm a oportunidade de competir, por mais desigual que ela seja — mas e aqueles entre nós que não querem

\* Em contraste com as formas de tomada de decisões nas quais as necessidades de todos são levadas em conta, na democracia o enfraquecimento dos perdedores e dos grupos excluídos é fundamental. É bem sabido que na antiga Atenas, o "berço da democracia", menos de um oitavo da população tinha permissão para votar, uma vez que mulheres, estrangeiros, escravos e outros não eram considerados cidadãos. Isso geralmente é visto como uma pequena imperfeição que o tempo corrigiu, mas poderíamos também concluir que a própria exclusão é a característica mais essencial e obedecida da democracia: milhões de pessoas que vivem nos Estados Unidos hoje não podem votar também, e as distinções entre cidadãos e não-cidadãos não se corroeram significativamente nos últimos 2500 anos. Todo dono de propriedades burguês pode citar mil razões porque não é aconselhável permitir que todas as pessoas cujos interesses estejam em jogo compartilhem a tomada de decisões, assim como nenhum chefe ou burocrata sonharia em dar aos seus empregados uma voz igual no seu local de trabalho, mas isto não a torna nem um pouco menos exclusiva. E se — devemos pelo menos levantar a hipótese — a democracia tiver surgido na Grécia, não como um passo do Progresso Humano Rumo à Liberdade, mas como uma forma de deixar o poder fora de certas mãos?

## **Democracia é a forma mais sustentável de manter a separação entre poderosos e impotentes porque ela incentiva o maior número de pessoas possível a defender esta divisão.**

É por isso que a marca d'água da democracia — sua influência no mundo todo — corresponde a desigualdades sem precedentes na distribuição de recursos e poder. Ditaduras são inerentemente instáveis: você pode massacrar, aprisionar e fazer lavagem-cerebral em gerações inteiras e suas crianças ainda vão reinventar completamente a luta pela liberdade. Mas prometa a todo homem a oportunidade de ser um ditador, de ser capaz de forçar a "vontade da maioria" sobre seus concidadãos ao invés de buscar soluções para as desavenças como um adulto maduro, e você pode criar um front de batalha do autointeresse destrutivo contra a cooperação e coletividade que tornam a liberdade individual possível. Melhor ainda se houverem ditaduras ainda mais opressivas à sua volta para serem apontadas como "a" alternativa, para que você possa glorificar tudo isto na retórica da liberdade.

competir, que nunca quiseram que o poder fosse centralizado nas mãos de um governo em primeiro lugar? E se não temos interesse em governar ou ser governados?

É para isso que serve a polícia — e os tribunais, os juízes e as prisões.

## O Governo da Lei

Mesmo que você não acredite na intenção delas de acabar com a inconformidade onde quer que ela apareça, você tem que reconhecer que as instituições legais não substituem a boa vontade, o respeito mútuo e a justiça. O exercício da "lei igualitária e justa", como é fantasiada pelos acionistas e senhorios cujos interesses ela protege, não oferece nenhuma garantia contra a injustiça; ela simplesmente cria uma outra área de especializações, nas quais o poder e a responsabilidade são cedidos a caros advogados e juízes pomposos. Ao invés de servir para proteger nossas comunidades e solucionar nossos conflitos, esse arranjo assegura que as habilidades de resolver conflitos e se defender da comunidade atrofiem — e aqueles cuja profissão é supostamente desencorajar o crime têm interesses em proliferá-lo, uma vez que suas carreiras dependem disto.

Ironicamente, nos dizem que precisamos dessas instituições para proteger os direitos das minorias — mesmo que a função implícita dos tribunais, na melhor das hipóteses, seja impor a legislação da maioria sobre a minoria. Na verdade, uma pessoa só pode usar os tribunais para defender os seus direitos se ele puder reunir força suficiente numa moeda que eles aceitem; graças ao capitalismo, somente uma minoria pode fazer isso, então, de uma forma tortuosa, acaba que na verdade os tribunais existem para defender os direitos de pelo menos *uma certa* minoria.

A justiça não pode ser estabelecida através da simples elaboração e imposição de leis; tais leis só podem institucionalizar o que já é a regra em uma sociedade. O bom senso e a compaixão são sempre preferíveis à imposição de regulamentos estritos e impessoais. Onde a lei é uma província privada de uma elite que busca sua própria perpetuação, os sensatos e compassivos estão destinados a terminarem como réus; precisamos de um sistema social que proteja e recompense estas qualidades no lugar da obediência cega e da passividade.



## Não é por acaso que "liberdade" não está na cédula eleitoral.

Liberdade é uma qualidade da atividade, não uma condição que existe no vácuo: é um prêmio a ser ganho diariamente, não uma posse que possa ser mantida no porão e polida para ser levada em desfiles. Liberdade não pode ser dada — o máximo que se pode esperar é conseguir libertar os outros das forças que os impedem de encontrá-la sozinhos. A verdadeira liberdade não tem nada a ver com votar; ser livre não significa simplesmente poder escolher entre opções, mas participar ativamente em construir as opções, em primeiro lugar.

## Vejam uma urna: democracia!!

Se a liberdade pela qual muitas gerações lutaram e morreram é melhor exemplificada por um homem numa cabine eleitoral marcando um X numa cédula antes de voltar para o trabalho em um ambiente que não está mais sob o seu controle do que que estavas antes, então a herança que nossos ancestrais emancipadores e de nossas avós sufragistas nos deixaram não é nada além de um medíocre substituto à liberdade que eles buscaram.

Para ilustrar melhor a verdadeira liberdade em ação, observe o músico improvisando com seus companheiros: com prazer e aparentemente sem esforço, eles criam cooperativamente um ambiente sonoro e



emocional, transformando o mundo que, por sua vez, os transforma. Pegue este modelo e o estenda a todas suas interações com outras pessoas e você obterá algo qualitativamente diferente do nosso presente sistema — uma harmonia nas atividades e relações humanas. Para chegar lá de onde estamos, temos que dispensar o voto como expressão modelo da liberdade e da participação.

## **Democracia representativa é uma contradição em si.**

Ninguém pode representar seus interesses e seu poder por você — só se tem poder ao exercê-lo, você só pode saber quais são seus interesses se envolvendo. Políticos fazem carreira dizendo representar os outros, como se liberdade e poder político pudessem coubessem numa procuração; na verdade, eles são uma classe de padres que só responde a si mesma, e sua própria existência é prova de nossa exclusão.

Votar nas eleições é uma expressão da nossa impotência: é uma admissão de que só podemos nos aproximar dos recursos e capacidades de nossa própria sociedade através da mediação dessa classe de padres. Quando deixamos eles pré-fabricarem nossas opções para nós, cedemos o controle de nossas comunidades a esses políticos da mesma forma que cedemos a tecnologia aos engenheiros, os cuidados com a saúde aos médicos e o controle dos ambientes em que vivemos a urbanistas e empreiteiros privados. Acabamos vivendo em um mundo que é estranho a nós, mesmo que ele seja fruto do nosso trabalho, pois agimos como sonâmbulos, hipnotizados pelo monopólio que nossos líderes e especialistas mantêm sobre a criação de possibilidades.

Mas não somos obrigados a simplesmente escolher entre candidatos a presidente, marcas de refrigerante, programas de TV e ideologias políticas. Podemos tomar nossas próprias decisões como indivíduos e comunidades, podemos criar nossas próprias bebidas, estruturas sociais e *poder*, podemos estabelecer uma nova sociedade à base de igualdade e cooperação. Eis como.

## **Quais são as alternativas democráticas à democracia?**

### **Consenso**

A tomada de decisões baseada no consenso já é praticada pelo mundo todo, desde comunidades indígenas na América Latina e grupos de ação direta na Europa a cooperativas de agricultores orgânicos na Austrália. Em contraste à democracia representativa, os participantes fazem parte do processo de tomada de decisões de forma contínua e exercem verdadeiro controle sobre sua vida diária. Ao contrário da

democracia governada pela maioria, o consenso valoriza igualmente as necessidades e preocupações de cada indivíduo; se uma pessoa está infeliz com uma resolução, é da responsabilidade de todos encontrar uma nova solução que seja aceitável por todos. A tomada de decisões baseada no consenso não exige que uma pessoa aceite o poder de outros sobre ela, entretanto exige que todo mundo considere as necessidades de todos; o que ela perde em eficiência compensa dez vezes em liberdade e transparência. Ao invés de pedir que as pessoas aceitem líderes ou encontrem uma causa comum se homogeneizando, o processo consensual integra todos em um conjunto funcional enquanto permite que cada um mantenha a sua autonomia.

## Autonomia

Para ser livre, você deve ter controle sobre aquilo que está imediatamente à sua e sobre as coisas básicas da sua vida. Ninguém está mais qualificado que você para decidir como você deve viver; ninguém pode ser capaz de votar no que você deve fazer com o seu tempo e potencial a menos que você os convide. Alegar esses privilégios para si e respeitá-los nos outros é cultivar a autonomia.

A autonomia não deve ser confundida com a, assim chamada, independência: na verdade, ninguém é independente, uma vez que nossas vidas dependem umas das outras.\* A glamourização da autossuficiência numa sociedade competitiva é um modo enganoso de acusar aqueles que se recusam a explorar os outros de serem responsáveis pela sua própria pobreza; e como tal, é um dos obstáculos mais significativos para se construir uma comunidade†. Em contraste a essa miragem Ocidental, a autonomia oferece uma livre *interdependência* entre pessoas que compartilham consenso.

Autonomia é a antítese da burocracia. Não há nada mais eficiente que pessoas agindo por suas próprias iniciativas como acharem necessário, e nada é mais ineficiente que tentar ditar as ações de todo mundo — isto é, a menos que seu objetivo fundamental seja controlar outras pessoas. A coordenação de cima para baixo só é necessária

\* "O homem ocidental enche a sua despensa de compras e chama a si mesmo de auto-suficiente" — Mohandas Gandhi.

† O mito que alguns políticos criaram de que famílias carentes que recebem benefícios como o bolsa-família estariam vivendo às custas do trabalho das "pessoas de bem" divide indivíduos que de outra maneira poderiam formar grupos cooperativos que não teriam utilidade para políticos profissionais.



## Quem precisa de democracia quando se pode concordar?

quando as pessoas devem ser forçadas a fazer algo que elas nunca fariam de seu próprio acordo; da mesma forma, uniformidade obrigatória, por mais horizontal que seja sua imposição, só pode fortalecer um grupo ao enfraquecer os indivíduos que o compõem. O consenso pode ser tão repressivo quanto a democracia a menos que os participantes retenham sua autonomia.

Indivíduos autônomos podem cooperar sem compartilhar um plano idêntico, enquanto todos se beneficiarem da participação dos outros. Logo, grupos que cooperam podem evitar conflitos e contradições, assim como o fazemos individualmente, e ainda fortalecer os participantes. Vamos deixar o ato de marchar sob uma bandeira única para os militares.

Finalmente, autonomia requer autodefesa. Grupos autônomos têm interesse em se defender da invasão daqueles que não reconhecem o seu direito à autodeterminação, e em expandir o território da autonomia e do consenso ao fazerem tudo em seu poder para destruir estruturas coercivas.

## Federações sem hierarquia

Grupos autônomos independentes podem trabalhar juntos em federações sem que qualquer um deles detenha a autoridade. Tal estrutura soa utópica, mas na verdade pode ser muito prática e eficiente. O correio e as viagens de trem internacionais funcionam nesse sistema, para citar dois exemplos: enquanto os sistemas individuais de transporte e correio são internamente hierárquicos, eles todos cooperam juntos para transportar correspondências ou passageiros de um país a outro sem que uma autoridade máxima seja necessária em qualquer estágio do processo. De forma similar, indivíduos que não podem concordar suficientemente para trabalhar juntos dentro de um coletivo ainda podem coexistir em grupos separados. Para que isto funcione a longo prazo, é claro, é preciso alimentar, gota a gota, os valores de cooperação, consideração e tolerância nas gerações futuras — mas isso é exatamente o que estamos propondo, e dificilmente conseguiremos executar esta tarefa pior do que os partidários do capitalismo e da hierarquia têm feito.

## Ação Direta

A autonomia precisa que você aja por si mesmo: que ao invés de esperar que solicitações passem por canais estabelecidos somente para acabar em burocracias e negociações intermináveis, você estabeleça seus próprios canais. Se você quer que os famintos tenham comida para comer, não apenas dê dinheiro a uma organização de caridade burocrática — descubra onde há comida sendo desperdiçada, recolha e compartilhe. Se você quer habitações acessíveis, não espere que a câmara municipal aprove uma lei — isso levará anos, enquanto pessoas dormem nas ruas todas as noites; ocupe prédios abandonados, abra-os para o público, e organize grupos para defendê-los quando os capangas dos proprietários ausentes aparecerem. Se você quer que as corporações tenham menos poder, não peça aos políticos por eles comprados que imponham limites a seus próprios mestres — tome esse poder para si próprio. Não compre seus produtos, não trabalhe para eles, sabote os seus anúncios publicitários e escritórios, impeça-os de realizar seus encontros e sua mercadoria de ser entregue. Eles também usam táticas similares para exercer poder sobre você — e só parece válido porque eles compraram as leis e os valores da nossa so-

cidade muito antes de você nascer.

Não espere por permissão ou liderança de alguma autoridade de fora, não implore para que algum poder superior organize sua vida para você. Tome a iniciativa!

## Como Resolver Conflitos Sem Chamar as Autoridades

Num arranjo social que realmente é do melhor interesse de todos indivíduos participantes, a ameaça de exclusão deve ser suficiente para desencorajar os comportamentos mais destrutivos ou desrespeitosos. Mesmo quando é impossível evitar, exclusão é certamente mais humanitária que prisões e execuções, que corrompem a polícia e os juízes tanto quanto amargam os criminosos. Aqueles que se recusarem a respeitar as necessidades dos outros, que não se integrem em nenhuma comunidade, podem acabar banidos da vida social — mas isso ainda é melhor que o exílio na ala dos loucos ou no corredor da morte, duas das possibilidades que esperam tais pessoas hoje. Violência só deve ser usada pelas comunidades em legítima defesa, não com o sentimento arrogante de propriedade com a qual é aplicada no nosso atual sistema de injustiça. Infelizmente, num mundo governado pela força, grupos autônomos baseados em consenso vão provavelmente entrar em conflito com aqueles que não agem por valores de cooperação e tolerância; eles devem portanto ser cuidadosos para não perderem também os seus valores ao tentar defendê-los.

Discordâncias sérias dentro de comunidades podem ser solucionadas em muitos casos reorganizando ou subdividindo os grupos. Frequentemente indivíduos que não se dão bem em determinada configuração social obtêm mais sucesso cooperando em outro arranjo ou como membros de comunidades paralelas. Se o consenso não pode ser alcançado dentro de um grupo, este grupo pode se dividir em grupos menores que possam alcançá-lo internamente — isso pode ser inconveniente e frustrante, mas é melhor do que as decisões do grupo serem impostas à força por aqueles que têm mais poder. Tanto com os indivíduos e a sociedade, como para diferentes coletivos: se os benefícios de trabalhar junto superam as frustrações, deve ser incentivo suficiente para que as pessoas acertem suas diferenças. Mesmo comunidades drasticamente diferentes ainda têm em seu interesse coexistir pacifi-

camente, e devem de alguma forma negociar para alcançar isso...

## Vivendo Sem Permissão

...esta é a parte mais difícil, é claro. Mas não estamos falando de só mais um sistema social, estamos falando de uma transformação total das relações humanas — pois será necessário nada menos do que isso para solucionar os problemas atuais da nossa espécie. Não vamos nos enganar — até que possamos alcançar isso, a violência e a luta inerente nas relações baseadas em conflitos vão continuar a se intensificar, e nenhuma lei ou sistema será capaz de nos proteger. Em estruturas baseadas no consenso, não existem soluções falsas, nenhuma forma de reprimir conflitos sem resolvê-los; aqueles que participam neles *devem* aprender a coexistir sem coerção e submissão.

As primeiras e preciosas sementes desse novo mundo podem ser encontradas nas suas amizades e casos amorosos sempre que eles forem livres de dinâmicas de poder, sempre que a cooperação acontecer naturalmente. Imagine esses momentos expandidos de forma a abranger toda nossa sociedade — essa é a vida que nos espera além da democracia.

Pode parecer que estamos separados deste mundo por um abismo insuperável, mas o bom do consenso e da autonomia é que você não tem que esperar pelo governo para votar neles — você pode praticá-los agora mesmo com as pessoas ao seu redor. Coloque-os em prática, as virtudes deste modo de vida são claras. Forme seu próprio grupo autônomo, não respondendo a nenhum poder que não o seu próprio, e busque a sua liberdade por si mesmo, se seus representantes não o fazem — uma vez que eles *não podem* fazê-lo por você.

***NÃO IMPORTA  
EM QUEM ELES VOTAM,  
NÓS SOMOS INGOVERNÁVEIS!***

